

DO CONCEITO DE MESSIAS (O CRISTO) À CRISTOLOGIA

Elio Passeto

Religioso da Congregação de Nossa Senhora de Sion; formado em Judaísmo pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Diretor do Institut Saint-Pierre de Sion–Ratisbonne, Jerusalém-Israel. Publica artigos em diferentes revistas, especialmente, na revista *El Olivo*, em que é membro do Conselho de Redação. Dá cursos em diferentes países sobre a relação entre o Judaísmo e o Cristianismo.

RESUMO

O conceito de Messias (Cristo), rico em significados, sofre evolução ao longo do tempo; primeiro ele é o 'ungido' com óleo, depois cumpre uma função em nome de Deus e se torna uma figura que representa a esperança religiosa da redenção. O anúncio dos discípulos de Jesus, homem-judeu, como o Messias, é tributária do conjunto de vários aspectos da compreensão do Messias presente na tradição do povo judeu fundada nas Escrituras e na sua interpretação. E é, portanto, somente dentro dessa tradição de compreensão plural sobre o Messias que se encontram os meios para melhor entender a proclamação de Jesus como o Messias (Cristo) da fé cristã.

Palavras-chave: Messias. Cristologia. Ungido. Rei Davi.

ABSTRACT

The concept of Messiah (Christ), rich in meanings, undergoes evolution over time; first he is the 'anointed' with oil, then he fulfills a function in the name of God and becomes a figure representing the religious hope of redemption. The proclamation of the disciples of Jesus, a Jewish man, as the Messiah, is dependent on the set of various aspects of the understanding of the Messiah present in the tradition of the Jewish people based on the Scriptures and its interpretation. And it is, therefore, only within this tradition of plural understanding of the Messiah that the means can be found to better understand the proclamation of Jesus as the Messiah (Christ) of the Christian faith.

Keywords: Messiah. Christology. Anointed. King David

Introdução

Um dos temas centrais da tradição judaico-cristã que ocupa os pesquisadores, bem como as pessoas que fazem parte dessa tradição, é a ideia e o significado do Messias. Em cada geração ou em diferentes circunstâncias históricas, reaparece o interesse em explicar os acontecimentos à luz do Messias. Há uma busca constante de reinterpretar seu significado, o conteúdo da espera, a afirmação de sua vinda, seu fundamento. Muitas outras

reflexões ainda podem ser elencadas sobre o Messias. A tradição cristã, que se define pela afirmação de Jesus como o Messias anunciado pelas Escrituras e esperado pelo povo judeu, acrescenta a esperança em sua manifestação gloriosa, ou seja, em sua vinda: “Homens da Galileia, por que estais aí a olhar para o céu? Este Jesus, que foi arrebatado dentre vós para o céu, assim virá, do mesmo modo como o vistes partir para o céu” (At 1,11).¹

Falar do Messias, portanto, compreende várias dimensões da experiência de fé que percorre toda a Bíblia e sua oralidade. Dado que o significado de Messias (*Mashiah*) é o mesmo que Cristo (grego: *Cristos*) e Ungido, a elaboração cristológica, do ponto de vista da compreensão religiosa, precede o próprio Cristo.² De certo modo, Jesus é a novidade que reveste a realidade cristológica que fora elaborada de antemão na tradição de Israel, através da compreensão religiosa do Ungido, sendo, ao longo da história de Israel, acrescentado ao termo Messias (Ungido/Cristo), o conteúdo da espera da segunda manifestação.

Em geral, não estamos habituados a pensar a cristologia antes de Cristo, como um raciocínio invertido, já que não estamos familiarizados com a ideia de que a compreensão do Messias, que abarca todo o período bíblico do povo de Israel, é o fundamento da elaboração da cristologia.³ De fato, uma visão completa da manifestação da ideia do Messias no período

¹ Essa proclamação é parte central do anúncio da fé do movimento dos seguidores de Jesus após sua morte e ressurreição. Paulo, que inaugura os escritos do Novo Testamento, nos finais dos anos 40, do século primeiro, confirma esse ensinamento que recebeu: 1 Ts 3,13: “Queira Ele confirmar os vossos corações numa santidade irrepreensível, aos olhos de Deus, nosso Pai, por ocasião da Vinda de nosso Senhor Jesus com todos os Santos”; 1 Ts 4,15-16: “Pois isso vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos aqui para a Vinda do Senhor, não passaremos a frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá”; 1 Ts 5,1-2: “porque vós sabeis perfeitamente, que o Dia do Senhor virá como ladrão noturno. Quando as pessoas disserem: paz e segurança! então, lhes sobreviverá repentina destruição, como as dores sobre a mulher grávida; e não poderá escapar. Vós, porém, meus irmãos, não andais em trevas, de modo que esse Dia vos surpreenda como um ladrão”; também podemos ver presente em outros textos dos Evangelhos que refletem o final do primeiro século, como em Mt 25,31: “Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com Ele, então se assentará no trono de sua gloria”; Mt 16,27: “Pois o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um de acordo com o seu comportamento”; Mt 24,29-31: “Logo após as tribulações daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. Ele enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade até a outra extremidade do céu”.

² Boyarin (2012, p. 7), grande especialista da literatura judaica e cristã dos primeiros séculos da era cristã, dirá: “A ideia de Jesus como Messias divino-humano remonta ao início mesmo do movimento cristão, ao próprio Jesus e inclusive antes”.

³. “Existem boas razões históricas, decorrentes da análise erudita de textos antigos feitas a partir do século anterior até os dias atuais, bem como da descoberta e publicação de novas fontes de evidência, para aceitar

bíblico, antes de Jesus e seu movimento, é fundamental para compreender a proclamação de Jesus como o Messias esperado do povo judeu. É, portanto, no universo judeu do período de Segundo Templo, na Terra de Israel e na diáspora, onde se encontram os elementos essenciais da identidade e tradição da fé cristã.

A distância criada entre o povo cristão e o povo judeu ao longo dos séculos eclipsou a compreensão da própria identidade cristã.⁴ De fato, acumulavam-se e repetiam-se formulações que não levavam em conta o vínculo indelével entre a fé cristã e a tradição judaica. Deixando de lado ou ignorando o povo judeu “que tem uma espécie de convivência carnal com as Escrituras”,⁵ a Igreja ofuscou o fato de que a fé cristã remonta a Abraão, assim como a fé vivida por Jesus e seus seguidores.⁶ Ao contrário dos primeiros séculos do Cristianismo em que o pensamento religioso e teológico foi elaborado a partir da tradição bíblica e de sua interpretação, os séculos posteriores foram menos criativos, menos inovadores e mais repetitivos, resultando em uma visão de mundo descontextualizada e divorciada de seu tempo. Hoje somos fruto desse atraso que ocorreu e se perpetua.

O ato de unção

A expressão Messias, portanto, é parte integrante dos textos bíblicos e é carregada de múltiplos significados, pois, por sua vez, sofre variações de sentido ao longo do tempo e de acordo com as circunstâncias. Nem sempre há uma compreensão clara quando o termo é usado. Sua origem hebraica *Mashiah* (משיח) que em grego foi traduzida por *Kristos*

que a alta cristologia do Novo Testamento não é secundária, mas firmemente fundada no Judaísmo”, (LUCASS, 2013, p. 1).

⁴ Estudos realizados em ambos os lados: judaico e cristão, não consideram adequada e sustentável a expressão ruptura entre Igreja e Sinagoga. Trabalhos recentes identificam um distanciamento progressivo que ocorreu de forma desigual e muito lenta, mas não definitiva. Para uma visão completa deste tópico (cf. BEKER; YOSHIKO, 2007).

⁵ Essa expressão é melhor compreendida em seu contexto quando o autor diz: “Para nos prepararmos juntos, todos devemos nos considerar herdeiros da Bíblia, mas acho que para explorar melhor essa herança, os cristãos precisam especialmente dos judeus, porque eles têm uma espécie de conluio carnal com as Escrituras, porque diante de todo dualismo dessecante elas testemunham a unidade viva da pessoa a quem Deus se dirige, pois continuam sendo destruidores de ídolos e denunciadores de velhas e novas ideologias” (ETCHGARAY, 1997, p. 13).

⁶ Krister, profundo conhecedor das fontes cristãs, a partir das fontes judaicas, faz uma interessante afirmação que por vezes, define a atitude em manter a ignorância sobre a relação intrínseca da realidade cristã com o povo judeu. Segundo ele, há um complexo de superioridade no pensamento e no saber cristão que impede o verdadeiro conhecimento: “Nossa visão é muitas vezes obstruída mais pelo que pensamos e sabemos do que por nossa falta de conhecimento” (STENDAHL, 1976, p. 7).

(χριστος), em latim *Unctos*, indica, sobretudo, a unção com óleo.⁷ Portanto, na Bíblia, em hebraico, o ato de ungir alguém ou algo ou ser ungido emprega o verbo que se refere à raiz da palavra Messias, portanto Cristo.

Ungir uma pessoa para desempenhar uma função ou definir seu *status* na sociedade era uma prática presente entre os povos antigos, mesmo antes do período bíblico.⁸ A Bíblia evidencia e assume práticas e costumes imemoriais de culturas anteriores. Portanto, o relato bíblico da prática da unção não é uma invenção da literatura bíblica, porém, o povo de Israel introduziu o elemento monoteísta em uma prática que antecedeu ou continuou a existir paralelamente ao universo bíblico. Aprendemos que no período do Segundo Templo, mesmo os gregos e romanos mantinham essa prática no culto e nas manifestações públicas.

Estudos recentes traçam um longo caminho para uma compreensão mais precisa do termo Messias tal como o temos no final do período do Segundo Templo e o significado assumido no Novo Testamento com seu desenvolvimento na elaboração da cristologia. No entanto, é preciso ampliar a visão para o passado mais distante e assim compreender o uso do termo Messias enraizado ao longo da história bíblica, remontando ao período inicial de formação da identidade do povo judeu, em sua relação com os povos do antigo Oriente.

O ato de ungir entre os povos antigos

Os povos se constituíram em torno de instituições que na maioria das vezes representavam a política e a religião ao mesmo tempo. Os dois poderes eram interdependentes, inseparáveis, às vezes binários, às vezes acoplados um sobre o outro, representado pela única pessoa. As pessoas designadas para exercer esses dois poderes eram o Rei, o Sacerdote, o Profeta ou o Juiz. Esses personagens podem representar várias funções ao mesmo tempo. O Rei podia exercer a função de Sacerdote e Juiz simultaneamente ou o Sacerdote podia exercer a função divina e civil, bem como a de juiz. O profeta estava mais especificamente relacionado com o aspecto divino diante do povo. O poder divino sempre foi preponderante e poderia ser exercido por um desses personagens.

⁷ O óleo vegetal (principalmente, mas não exclusivamente, o óleo de oliva) desempenhou um papel central na vida dos povos antigos, em várias dimensões da vida, na economia, na alimentação e no culto. Para um bom resumo veja (BOHRMANN, 1989, p. 65-73).

⁸ Um estudo abrangente sobre a prática da unção entre os povos antigos e sua importância na Bíblia (Cf. LAUNAY, 2015, p. 47-62).

A primeira estabilidade está ligada ao Rei, é o Rei que sustenta a identidade do povo. Ele tem poder político e, quando não se define como divino, é investido pelo poder divino. As culturas antigas sempre se referiam ao rei como divino e quase comumente o rei representava o divino. Há um vínculo entre o Rei e o Sacerdote em relação ao sagrado. "Funcionalmente e conceitualmente, a figura do Sumo sacerdote era o Rei, que presidia as grandes festas e era responsável por manter boas relações com os deuses e obter deles favor para o povo e à terra em geral" (Wright, 2004, p. 194). Quando o Rei se definia como divino, o sacerdote o servia na esfera sagrada, porém, se o Rei não era divino, era o Sacerdote que lhe impunha poderes divinos.

A literatura dos povos que antecederam o povo de Israel em sua região e entorno, e mesmo contemporâneos, atestam a realidade divina estabelecida nos poderes atuais, sejam eles Reis aos quais foram atribuídos poderes divinos, ou, às vezes, até se autodenominavam deuses, para exercerem sua função diante de seu povo. Este poder governou o mundo, protegendo, abençoando, trazendo prosperidade ao seu povo.⁹

A Bíblia narra o drama, em determinado momento da história de Israel, da passagem do poder exercido pela figura do Juiz ou do Profeta para a figura do Rei que não existia até então em Israel e que o povo exigiu sua constituição. Samuel, escolhido por Deus, torna-se o profeta do povo:

Todo o Israel, de Dã a Bersheva, sabia que Samuel fora constituído como o profeta do Senhor. O Senhor continuou a se manifestar em Siló, porque em Siló a palavra do Senhor foi revelada a Samuel. E a palavra de Samuel foi para todo o Israel como a Palavra do Senhor. (1 Sm 3,20-4,1)

No entanto, Samuel em sua velhice faz com que seus filhos sejam juizes para servir ao povo, mas eles não seguiram a Palavra de Deus, praticando o mal e a injustiça diante do povo, causando o descrédito na instituição como fator de unidade do povo; deste descontentamento nasce a exigência de um Rei a exemplo do funcionamento do poder exercido entre outros povos. Um rei que asseguraria e cumpriria a justiça:

⁹ Para uma melhor compreensão do conceito do Rei sagrado nas antigas culturas do Oriente Próximo (Cf. LUCASS, 2013, p. 37-65).

Samuel quando envelheceu, constituiu seus filhos juizes em Israel. O primogênito chamava-se Joel, e o segundo Abias; eles foram juizes em Bersheva. Mas os filhos não seguiram o seu exemplo. Ao contrário, orientaram-se pela ganância, deixaram subornar e infringiram o direito. Então todos os anciãos de Israel se reuniram e foram ao encontro de Samuel em Ramá. E disseram-lhe: 'Tu envelheceste, e os teus filhos não seguiram o teu exemplo. Por isso, constitui sobre nós um rei, o qual exerça a justiça entre nós, como acontece em todas as nações' (1 Sm 8,1-5)

Esse pedido dos anciãos não agradou a Samuel, dado que os reis das nações representavam seus próprios deuses o que não poderia acontecer para Israel porque "O Senhor vosso Deus é o vosso rei" (1 Sm 12,12). Entende-se que naquela época em Israel o Profeta era a referência máxima; ele era o único vínculo entre o povo e Deus. A relação divina, profética e sacerdotal dava-se através do profeta e, portanto, a atividade política estava subordinada a ele. As instâncias de serviço junto ao povo estavam sujeitas à intermediação de um representante de Deus. Portanto, se por um lado a constituição de um Rei para Israel o tornaria semelhante a outros povos, por outro lado, em sua essência, Israel deveria distinguir-se dos demais povos, pois a força e a legitimidade do Rei emanavam diretamente do único Deus que ordena e espera que o rei exerça sua função de acordo com os preceitos divinos: "Se temerdes ao Senhor e os servirdes, se lhe obedecerdes e não vos opuserdes ao que ele disser, se todos vós e o rei que reina sobre vós seguides ao Senhor vosso Deus, então tudo irá bem" (1 Sm 12,14).

De fato, o modelo do rei entre as nações proporcionava estabilidade interna e segurança nas relações com outros povos. Os deuses cuidavam de seus respectivos povos através dos reis que os representavam, em vez disso, os povos os adoravam e lhes eram fiéis, centrados na figura do rei. É uma relação familiar, um pertence ao outro. "A descrição de um reinado ideal dá uma imagem correta do que se esperava do bom rei da Mesopotâmia: a felicidade messiânica" (W. G., 1998, p. 70). O povo de Israel reivindica e recebe esse mesmo modelo de rei, assumindo uma posição monoteísta (servindo ao Deus de Israel como seu único Deus) em sua relação com o sagrado, instituindo, por sua vez, instâncias representativas junto ao povo.

Vários estudos mostram essa prática difundida entre os povos antigos que nos ensinam como o povo de Israel assimilou as antigas tradições de outros povos,¹⁰ diferenciando-se gradativamente no conteúdo que foi dado às práticas. Enumero apenas algumas afirmações como alusão à grande extensão do tema presentes em todos os povos entre os quais Israel se desenvolveu.

A expressão religiosa é baseada na realidade humana: objetos, linguagem, gestos, etc. Portanto, a Bíblia não cria, externamente, nada de novo, pelo contrário, é nas culturas circundantes ou anteriores que encontramos as raízes dos componentes das festas e expressões religiosas bíblicas. Vemos que na cultura da Mesopotâmia a entronização do rei é marcada pela unção que o transforma em uma realidade completamente divina: “No ritual de entronização, o rei recebe como cetro um ramo da 'árvore da vida': ele é ungido com óleo da árvore da vida e batizado na água da vida” (ENGNELL, 1967, p. 29).

Na cultura hitita, o rei era ungido e assumia o poder absoluto sobre seu povo, cujo ato ocorria dentro de uma grande festa baseada no ciclo da natureza. O rei era visto e adorado como um deus e tinha um número de proteção que é indicativo da formação das doze tribos de Israel de onde possivelmente vem o número dos 12 apóstolos: “Devido à sua natureza sacrossanta, o rei era guardado por uma elite composta por doze guardas” (BRYCE, 2002, p. 22).

Também no Egito, o Rei ocupa o lugar de um deus responsável por toda a vida do povo, não apenas na esfera material, mas em tudo que compõe sua existência: “Nos louvores organizados, esse conceito se torna mais abrangente, e o rei é responsável, como deus criador, pelo destino e alimento de todos, para que a descendência aumente durante seu reinado” (BAINES, 1998, p. 23).

Na cultura ugarítica/canaanita o rei é visto com poderes divinos e ao mesmo tempo é Sacerdote: “O rei, então, é particularmente capaz de dirigir-se à divindade em nome da comunidade. Ele é sacerdote por natureza. Como representante ou a encarnação da

¹⁰ “Inicialmente, é bem possível que as concepções egípcias de realeza tenham sido transmitidas a Israel através da antiga Canaã, que esteve sob controle egípcio durante grande parte do segundo milênio a.C.” (A.Y. COLLINS; J. COLLINS, 2008, p. 24).

sociedade, ele mantém a comunhão perpétua com o deus da comunidade, fato caracterizado pela descrição do rei como filho de Deus” (GRAY, 1969, p. 153).

Ungido de Deus = Messias

A partir dessa prática veremos que a Bíblia assimila um costume difundido na cultura dos povos do passado. Portanto, na constituição do povo está a consciência do divino que o sustenta, bem como a de pertença, como está escrito: “Tomar-te-ei por meu povo, e serei o teu Deus” (Ex 6,7); “Eu estarei entre vós, serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo” (Lv 26,12); “E eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus” (Jr 32,38). O ato concreto de divinização ou juramento junto ao divino é realizado através da unção. Esta ação concede ao destinatário uma distinção e um poder para agir em nome do divino ou em seu próprio nome como divino.

Essa prática será assumida na Bíblia, seu significado evoluirá com o tempo, mas sempre permanecerá que ser ungido é ter uma função diferente, relacionada a Deus ou exercer uma função em nome de Deus perante o povo: “Se o sacerdote ungido (*המשיח*: Messias) pecar...” (Lv 4,3); “O sacerdote ungido (*המשיח*: Messias) beberá do sangue do bezerro...” (v.16); “O Senhor fortalecerá seu Rei e exaltará seu ungido (*משיחו*: seu Messias)” (1 Sm 2,10); “Os reis da terra se levantam e, unidos, os príncipes conspiram contra o Senhor e contra o seu ungido (Messias)” (Sl 2,1-3). Nestes casos a palavra Messias (ungido) refere-se a uma função a exercer para a qual a pessoa estava destinada: o sacerdote ou o rei. É evidente que o significado dado aqui não tem o mesmo significado que será dado no período posterior e especialmente no período do Segundo Templo.¹¹

A Bíblia, surpreendentemente, reconhecerá o Messias de Israel como alguém que não pertence ao povo de Israel. Ciro, o Rei da Pérsia, é nomeado o Messias (Ungido) de Deus, quando conquista a Babilônia e promove uma grande revolução nos modelos das conquistas até então. Por decreto do Rei todos os povos foram liberados para retornar aos seus lugares de origem e retomar suas práticas religiosas, reconstruindo seus templos e livres para cultuar seus respectivos deuses. Essa decisão foi interpretada na Bíblia como a intervenção de Deus, libertando o povo de Israel do longo exílio imposto por Nabucodonosor, de modo

¹¹ Tema estudado em profundidade (Cf. ROBERT, Jimmy .J.M., 1992).

que o rei Ciro foi visto como um enviado de Deus (seu Messias = ungido): “Assim disse o Senhor ao seu Ungido (*משיח*), Ciro,¹² a quem tomei pela mão direita, para subjugar as nações a ele, e desarmar reis, para abrir portas diante dele, para que as portas não se fechem” (Is 45,1).¹³ Da mesma forma o livro de Esdras faz uma leitura semelhante dos fatos. No entanto, ao contrário de Isaías que diz: “Ainda que você não me conheça, eu o cingirei...”, Esdras ainda afirma que o próprio rei reconhece o Deus de Israel e cumpre Seus mandamentos:

No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, em cumprimento da palavra do Senhor, pela boca de Jeremias, o Senhor moveu o espírito de Ciro, rei da Pérsia, que mandou publicar por palavra e por escrito em todo o seu reino: 'Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, o Deus do céu, me deu todos os reinos da terra. Ele me encarregou de construir uma casa para ele em Jerusalém, em Judá. Quem entre vós pertence ao seu povo, que o seu Deus esteja com ele. Suba a Jerusalém, em Judá, para edificar a Casa do Senhor, o Deus de Israel, o Deus que está em Jerusalém. Que todos os sobreviventes, em toda parte, a população dos lugares onde eles moram traga uma ajuda em prata, ouro, bens, animais e donativos espontâneos para o Templo de Deus que está em Jerusalém'. (Esd 1,1-4)

Aprendemos que Isaías relata a atitude de um rei como ungido (Messias em Israel), “Assim disse o Senhor ao seu Ungido (*משיח*), a Ciro”, que promove a libertação do povo de Israel da escravidão, mas não lhe associa atributos, nem lhe assegura quaisquer descendentes para o futuro. Neste caso, portanto, como em outros do mesmo conteúdo,

¹² Rei persa que reinou de 600 a 530 a.C. Nesta passagem, curiosamente, a Bíblia atribui o título de 'ungido do Senhor (Messias)' a um rei estrangeiro, alheio ao povo de Israel e que, embora não conheça e não adore o Deus de Israel, como indicado pela sequência da citação de Isaías: “Eu te dei um nome ilustre, embora você não me conhecesse. Eu sou o Senhor e não há outro, além de mim não há Deus. Ainda que não me conheças, eu te cingi...” (Is 45,4-5). Segundo a história, Deus está usando o rei Ciro para libertar seu povo do exílio e capacitá-lo a retornar à sua terra natal, reconstruir o Templo e a cidade de Jerusalém, que foram destruídas por Nabucodonosor quando ele os conquistou e enviou seus habitantes para a Babilônia. Mas a pergunta pode ser feita, o que significa, neste caso, ser ungido por Deus? É evidente que não tem o mesmo significado de quando os seguidores de Jesus o chamam de Messias. O documento oficial publicado pelo Rei, apresenta Ciro sem qualquer relação de pertença ao povo de Israel ou à sua tradição: “Eu sou Ciro, (...), filho de Cambise, - o grande rei, o rei de Anshan, - o neto de Ciro, o grande rei, - o rei de Anshan, - o bisneto de Teispes, o grande rei, - o rei de Anshan, a eterna descendência da realeza”. Extrato do cilindro de Ciro, apresentando a genealogia persa (LECOQ, 1997, p. 183).

¹³ É preciso considerar que estamos falando do chamado 2º Isaías, que é contemporâneo da ascensão de Ciro, o rei persa e, portanto, testemunha o fim do exílio babilônico. Seu modo de pensar não corresponde à mesma visão de 1º Isaías 1-40 que se situa por volta do século VIII a.C.

não se entende o significado do Messias anunciado, que viria em algum momento salvar Israel e em alguns casos redimir o mundo.

O Messias da Casa de Davi

Segundo os estudos, desde o início do século VIII a. C., com as ameaças contra o reino de Israel, no norte e mesmo o de Judá, no sul, nasce à esperança da intervenção de Deus no futuro. O passado glorioso de Davi, que promoveu a unidade de todas as tribos de Israel e estabeleceu a tranquilidade do povo, torna-se modelo, para o futuro, de unificação e proteção do povo, sustentado por Deus. Há uma projeção baseada na época em que havia uma unidade do sul ao norte do país e Jerusalém, com o Templo, era o único centro religioso e político de todo o povo. Mesmo que se de fato essa realidade não tenha existido de forma real, ao menos retroativamente, ela se torna ideal.

Com a separação do reino de Israel (norte) e do sul (Judá), ocorre uma deterioração da realidade do povo e a perspectiva de unidade do passado começa a tomar forma no universo religioso. O profeta Isaías, no século VIII a.C., convivia com a degradação da instituição da realeza e a ameaça concreta à permanência do povo. Seu ensinamento é direcionado para o momento presente, mas projeta a intervenção de Deus para o futuro:

Bem, o próprio Senhor vai dar-vos um sinal: eis que uma jovem está grávida e vai dar à luz um filho, e ela vai chamá-lo pelo nome de Emanuel [...] O Senhor atrairá sobre ti, sobre o teu povo e sobre a casa de teu pai dias como nunca houve desde que Efraim partiu de Judá. (Is 7,14-17).

É evidente que os dias ideais de outrora se referem antes da separação entre o reino do norte e o reino do sul, tendo presente à unidade construída pelo rei Davi. Esta ideia será mais detalhada na sequência, quando o profeta diz:

Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado. Ele recebeu o poder sobre seus ombros, e foi lhe dado o nome de Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz, para que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, firmando-o, consolidando-o sobre o direito e sobre a justiça. Desde agora e para sempre, o zelo do Senhor dos Exércitos fará isto. (Is 9,5-6)

O profeta Isaías está desiludido com a prática da realeza que se estabeleceu na casa de Davi. Ele constata a deterioração da unidade do povo e, portanto, do povo com Deus. Para Isaías, o momento presente é decepcionante, deve haver uma mudança de rumo por parte de Deus. Dessa constatação nasce a esperança de que o futuro será melhor. A prática vigente da justiça não respondia ao ideal projetado para o povo e as derrotas sofridas mostravam que Deus havia desaprovado o comportamento do povo com seu sistema de governo. Portanto, era necessário algo novo, baseado na justiça, segundo os decretos de Deus.¹⁴ Quem assumir o trono da casa de Davi exercerá sua função de acordo com a vontade de Deus, contrariamente ao que se presenciava naquele momento. Há uma reprovação do comportamento dos poderes constituídos perante o povo e, portanto, é preciso recuperar a fidelidade a Deus, junto com a aplicação da lei, da justiça, baseada no temor de Deus:

Sairá um ramo do tronco de Jessé, e de suas raízes brotará um rebento. Sobre ele repousará o espírito do Senhor: o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor. (Is 11,1-2)

Esta descrição do modelo de futuro alimentará a vida religiosa do povo de Israel ao longo da história, sempre tendo em vista a preservação ou renascimento da linhagem de Davi. Este relato bíblico do reinado de Davi como modelo de unificação do povo e centralização de Jerusalém para todo o povo de Israel, de norte a sul, será o paradigma do que está por vir:

Todas as tribos de Israel vieram a Davi a Hebron e disseram-lhe: 'Olha: nós somos seu osso e sua carne. Mesmo antes, quando Saul era nosso rei, você era quem dirigia as entradas e saídas de Israel. O

¹⁴. O professor Israel Knohl da Universidade Hebraica de Jerusalém escreveu diversos livros sobre messianismo, em seu último livro, em hebraico intitulado: **A Controvérsia Messiânica**, 2019, analisa detalhadamente, a partir da Bíblia, a presença da ideia do Messias ao longo da história do povo de Israel. Ele mostra que a grande crise política que atingiu o povo judeu no século VIII a.C., com os dois reinos (Judá e Israel) subsistindo com grandes dificuldades e engajados em alianças com povos estrangeiros, foi a causa da elaboração da expectativa messiânica. Este período corresponde ao tempo do profeta Isaías (o que chamamos de 1º Isaías 1-39). A citação mostra a necessidade de acreditar em um futuro melhor, garantido por Deus. A figura que realizará este ideal, em um futuro indeterminado, é espetacularmente representada como “Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz”. Curiosamente, ele é um menino e também se define como “Deus Forte, Pai Eterno...” Ele será da linhagem de Davi, mas não é um promotor de guerra, ele é o Príncipe da Paz. Isaías, portanto, espera uma mudança no futuro, mas mantém a continuação do trono de Davi: “para restaurá-lo e fortalecê-lo para a equidade e a justiça, desde agora e para sempre, o zelo do Senhor sábado fará isso” (Is 9,6).

Senhor te disse: Tu apascentarás o meu povo Israel, tu serás o líder de Israel. Assim, todos os anciãos de Israel foram ter com o rei em Hebron. O rei Davi fez uma aliança com eles em Hebron, na presença do Senhor, e eles ungiram Davi rei de Israel. Ele tinha trinta anos quando começou a reinar, e reinou quarenta anos. Ele reinou em Hebron sobre Judá sete anos e seis meses. Ele reinou em Jerusalém sobre todo o Israel e sobre Judá 33 anos. (2 Sm 5,1-5)

Vários textos e em diferentes livros expressam a ideia do Messias (Ungido) para o futuro, refletindo ou afirmando que Deus restaurará a casa de Davi; embora em certos casos o nome do Messias não seja mencionado, podemos entender que a referência é a ele:

- a) Sl 132,11: “O Senhor jurou a Davi, uma verdade que jamais desmentirá: É um fruto do teu ventre que eu vou colocar em teu trono”.
- b) Sl 89,3-4: “Pois disseste: ‘O amor é estabelecido para sempre, firmaste a tua verdade no céu. Fiz uma aliança com o meu eleito, fiz um juramento ao meu servo David: estabeleci tua descendência para sempre, de geração em geração construo um trono para ti”.
- c) Gn 49,10: “O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão de chefe de entre os seus pés, até que o tributo lhe seja trazido e que lhe obedeam os povos”.
- d) Nm 24,17: “Eu o vejo, mas não agora, eu o contemplo, mas não de perto. Uma estrela procedente de Jacó se torna chefe, um cetro se levanta procedente de Israel.”
- e) 2 Sm 7,12: “E quando os teus dias estiverem completos e vieres a dormir com teus pais, farei permanecer a tua linhagem após ti, gerada das tuas entranhas”.
- f) Is 11,1-2: “Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará de suas raízes. Sobre ele repousará o espírito do Senhor, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor do Senhor”.
- g) Amos 9,11: “Naquele dia levantarei a tenda desmoronada de Davi, repararei as suas brechas e restaurarei suas ruínas; Eu a reconstruirei como nos dias antigos”.

A partir do século VIII a.C., então, diante da situação de profunda crise na estrutura de realza de Israel, surge a expectativa de um futuro melhor para o povo, bem como o retorno às práticas de justiça, conforme a Palavra de Deus e a lealdade ao Deus Único que se revelou a Israel. Conseqüentemente, o futuro melhor está ligado à intervenção de Deus que é fiel à casa de Davi dado que sua linhagem durará para sempre. O Ungido (Messias) que exerce sua função em nome de Deus será visto, no futuro, com características divinas ou investido pelo divino: o “Emanuel”. O conceito de Messias, que originalmente significava apenas o Ungido,

consagrado a uma função, sofre uma mudança de sentido e assume uma dimensão final, numa perspectiva escatológica.

O fracasso da realeza

Nos séculos que se seguiram, surgiram outros modelos de Messias, bem como posições contrárias à manutenção da instituição da realeza, em que não há referências à continuidade da casa de Davi. O profeta Oséias, por exemplo, quase contemporâneo de Isaías, praticamente ao longo de seu livro tece uma crítica feroz contra o povo, bem como contra suas instituições, comparando o povo com uma prostituta simbolizada no casamento de Oséias com a prostituta: O Senhor disse a Oséias: “Vá, tome uma mulher dada à prostituição e filhos da prostituição” (Os 1,2), que se distanciou de Deus com falsa adoração e sacrifícios indesejáveis ao Senhor. Oséias praticamente acusa o povo de total desvio dos caminhos do Senhor e em completa rendição à idolatria. Sua instituição está completamente corrompida:

Eis que estás destruído, Israel, pois só em mim estava o teu auxílio. Onde estás, então, pois o teu rei para que te salve em todas as tuas cidades, e os teus juízes a quem dizias: 'Dá-me um rei e um príncipe'?¹⁵ Eu te dou um rei na minha ira, eu o retomo em meu furor. (Os 13,9-11)

O Profeta não vê uma alternativa messiânica e não menciona a restauração da casa de Davi, mas chama o povo à conversão: “Volta, Israel, para o Senhor teu Deus, pois tropeçaste por causa das tuas faltas. Quem é sábio para entender essas coisas, inteligente para conhecê-las? Como são retos os caminhos do Senhor, neles andam os justos, mas neles tropeçam os rebeldes” (Os 14,2.10). Como vemos, Oséias faz outro discurso, comparado ao de Isaías. Não há continuidade da estrutura da realeza. Não deu certo, o povo se desviou, então o modelo davídico não prevalece segundo Oséias. O povo pode retornar a Deus e se reconstituir, mas não à estrutura criada que é fonte de injustiça e de pecado.

¹⁵. É uma crítica evidente ao relato do livro de 1 Sm 8,19-21, quando o povo pedia um rei para governar sobre ele e assim se tornar como os outros povos: “Mas o povo não deu ouvidos à palavra de Samuel, e disse: não! Mas teremos um rei e seremos, também como as outras nações: nosso rei nos julgará, irá adiante de nós e fará nossas guerras”.

Um novo modelo de Messias

Não é a intenção aqui comentar sobre cada autor da Bíblia, mas é evidente que cada um tem sua visão particular e reage de acordo com as circunstâncias em que se encontra ao transmitir seu ensinamento. Destaco duas outras figuras que aparecem em épocas diferentes e influenciam fortemente o período do fim do Segundo Templo e do Novo Testamento. O capítulo 53 do livro de Isaías, denominado 2º Isaías (40-54),¹⁶ apresenta um personagem que é o modelo inverso do esperado como o Messias. O Servo do Senhor¹⁷ apresenta-se como alguém que sofre, desprezado, humilhado, não se define pelas suas vitórias ou pelo combate físico, nem pela força, pelo contrário, aparece desprovido de todo o poder e carrega consigo o pecado e as transgressões do povo, porém, esse gesto é fonte de redenção para o povo:

Era desprezado e rejeitado entre os homens, homem de dores e experimentado em aflições; e como alguém de quem os homens escondem o rosto, ele era desprezado, e não o tínhamos em conta. Certamente Ele carregou nossas doenças e carregou nossas dores; no entanto, nós o consideramos flagelado, ferido por Deus e aflito. Mas Ele foi ferido por nossas transgressões, moído por nossas iniquidades. O castigo, pela nossa paz, caiu sobre Ele, e por Suas feridas fomos curados. Todos nós como ovelhas nos desgarramos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a boca; como um cordeiro que é levado ao matadouro, e como uma ovelha que fica calada diante de seus tosquiadores, Ele não abriu a boca. Por opressão e julgamento foi removido; e quanto à sua geração, quem levou em conta que ele foi cortado da terra dos vivos pela transgressão do meu povo, a quem a ferida correspondeu? A sua sepultura foi arranjada com os ímpios, mas com os ricos esteve na sua morte, embora não tivesse feito

¹⁶ Também chamado de Deutero Isaías. O autor é desconhecido e escreve a partir da realidade vivida no período do exílio babilônico, século VI a.C. O Livro apresenta 4 cantos relacionados ao Servo: 42,1-9; 49,1-7; 50,4-11 e 52,13-53,12. Como podemos ver, é evidente a associação do relato no Novo Testamento, do fim da vida de Jesus, com esses cânticos. O personagem dos cantos, seja individual ou coletivo, é pacífico diante do sofrimento, não reage, fica calado, até “chega a aceitar o sofrimento e até a morte para salvar os outros” (VERMEYLEN, 2009, p. 413).

¹⁷ A tradição de Israel interpretará o Servo Sofredor como o próprio povo que tem uma função redentora para toda a humanidade: "Comi o meu favo de mel" (Cântico dos Cânticos 5,1): porque os israelitas entregaram a sua alma para morrer em cativeiro, como diz: "Porque ele deu a sua alma para morrer" (Midrash Rabba em Isaías 53,12) e Rashi comenta este versículo dizendo que este sofrimento de Israel é para a Redenção do mundo.

violência, nem houvesse engano na sua boca. Mas o Senhor queria quebrá-lo, submetendo-o ao sofrimento. Quando ele se entregar como expiação, verá seus descendentes, prolongará seus dias, e o que agrada ao Senhor será realizado por sua mão. Pela fadiga de sua alma, ele verá a luz, ficará satisfeito. Pelo seu conhecimento, meu servo justificará a muitos e levará a culpa deles. Por isso lhe darei a sua parte entre os grandes e com os poderosos repartirá os despojos, pois indefeso se entregou à morte e foi contado com os rebeldes, quando levou sobre si o pecado de muitos e intercedeu pelos transgressores. (Is 53,3-12)

Esse modelo do Servo Sofredor, por um lado, pode ser entendido como se referindo ao individual bem como ao coletivo, será uma forma de responder ao mundo injusto, pecador e condenado ao castigo por suas transgressões à Palavra de Deus. Por outro lado, esta atitude vicária, representada pelo Servo Sofredor, é uma resposta às injustiças e sofrimentos vividos pelos justos neste mundo em que Deus se associa aos que sofrem e não os abandona.¹⁸ O sofrimento, portanto, tem uma função redentora no mundo e o justo que sofre “verá a luz e ficará satisfeito” (Is 53,11).¹⁹

Este canto do Servo ocorre no período de grandes sofrimentos correspondentes ao final do exílio babilônico e o retorno à liberdade religiosa, bem como o retorno à Terra de Israel e a reconstrução de um mundo destruído e acima tudo, a reconstrução da fé abalada do povo em seu Deus e em seus preceitos. Por isso, o sofrimento deve ser explicado de forma positiva, para dar-lhe sentido e encorajar o povo a recuperar a confiança em Deus sabendo que as duras provações do momento se tornarão em bênçãos e que o sofrimento

¹⁸ A literatura rabínica entende o sofrimento como uma das fontes dos dons de Deus: o mundo vindouro está em função do sofrimento: “Foi ensinado: R. Simeão b. Yohai diz: ‘O Santo, bendito seja Ele, deu a Israel três presentes preciosos, e todos eles foram dados através de sofrimentos, são eles: A Torá, a Terra de Israel e o Mundo Vindouro’” (T.B. Berakhot 5a).

¹⁹ A teologia do sofrimento encontra eco no Novo Testamento como uma das prerrogativas do Messias: o sofrimento se apresenta como elemento constitutivo da missão do Messias: “Não era necessário que o Messias (Ungido, Cristo) sofresse todas essas coisas para entrar na sua glória? E, começando por Moisés e passando por todos os profetas, explicava-lhes tudo o que lhe dizia respeito em todas as Escrituras” (Lc 24,26-27). Em um texto do final do período do Novo Testamento, na Primeira Epístola de Pedro 2,18-25, temos praticamente o mesmo texto de Isaías 53, com as mesmas expressões, aplicadas a Jesus. Por outro lado, Paulo interpreta que o sofrimento tem uma função redentora e que a morte de Jesus é interpretada nesta perspectiva: “Porque antes de tudo vos transmiti o que eu mesmo recebi: que o Messias (Ungido, Cristo) morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; Que foi sepultado e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1 Cor 15,3-4). Como afirma Vouga (2008, p. 210): “Neste caso, Paulo insiste na conformidade com a Escritura para sublinhar o cumprimento da promessa”.

de Israel será fonte de bem para o mundo.²⁰ Essa teologia que malgrado tudo, valoriza o sofrimento e a fidelidade, não deixará de ser importante na vida de Israel, que confrontará outras grandes provas, como a conquista grega no século IV a.C. seguida da luta pela libertação, liderada pelos Macabeus no século II a.C., bem como a dominação romana no século I a.C. São vicissitudes nas quais Israel se vê impotente diante da realidade que o massacra e busca sua supressão como povo. Diante de tal situação, resta apenas à confiança inabalável em Deus como único caminho para avançar e esperar que transforme a injustiça e o sofrimento em mérito e redenção para o povo e para toda a humanidade. Aprendemos que essa profunda consciência religiosa do povo judeu, expressa na atitude de entrega a Deus diante do sofrimento e das conseqüências redentoras para os outros ou para a humanidade, torna-se uma interpretação teológica da morte e ressurreição de Jesus e sua afirmação como o Messias.

O Messias celestial em forma humana

Gostaria de apresentar outro texto que difere significativamente dos citados acima, mas cujo gênero literário terá uma grande expansão nos últimos séculos do período do Segundo Templo. Refiro-me ao livro de Daniel.²¹ Seu estilo de linguagem continuará a influenciar o universo religioso judaico e cristão após a destruição do Segundo Templo. Embora grande parte da literatura desse gênero não seja recebida como normativa pelas instituições judaicas ou cristãs, o Livro de Daniel foi mantido como texto canônico. O capítulo 7 apresenta uma realidade diferenciada no contexto bíblico. A figura descrita tem aparência humana, mas é divina, ela vem do alto e recebe do 'Senhor dos Dias' o domínio sobre toda a criação e seu império não tem fim.

Continuei observando até que se estabeleceu tronos, e o Ancião dos Dias sentou-se. Sua roupa era branca como a neve, e os cabelos de sua cabeça como lã pura; seu trono, chamas de fogo, e suas rodas, fogo abrasador. Um rio de fogo fluía de diante Dele. Milhares e

²⁰. Podemos ver uma certa correspondência com a reflexão proposta no livro de Jó, pouco depois, em que sublinha a absoluta fidelidade do justo a Deus, apesar do sofrimento.

²¹. O livro de Daniel descreve os eventos que ocorreram desde o cativeiro do povo judeu na Babilônia, sob Nabucodonosor II, rei da Babilônia entre 605-562 a.C, até a era selêucida sob Antíoco IV, entre 175 e 163 a.C. Portanto, é possível que a sabedoria persa tenha conquistado seu lugar no universo religioso judaico durante os séculos que seguiram ao retorno da Babilônia e o livro de Daniel é uma expressão dessa sabedoria. Para aprofundar o assunto cf. Collins; Flint, 2002; Vermeylen, 2009, p. 573-582.

milhares O serviam, e miríades e miríades estavam diante Dele. O tribunal sentou-se, e os livros foram abertos. Então continuei olhando por causa do barulho das palavras arrogantes que o chifre falava; Continuei observando até que mataram a fera, despedaçaram seu corpo e a jogaram nas chamas do fogo. O resto das feras teve seu domínio retirado, mas eles receberam uma extensão de vida por um certo tempo. Continuei olhando nas visões noturnas, e eis que das nuvens do céu veio um semelhante ao Filho do Homem (בר אנוש), que se dirigiu ao Ancião dos Dias e foi apresentado diante Dele. E foi lhe dado o domínio, a glória e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem. Seu domínio é um domínio eterno que nunca passará, e seu reino não será destruído. (Dn 7,9-14)²²

Portanto, esse modelo de personagem apresentado por Daniel representa uma figura divina que intervém na história. Ao contrário das outras figuras humanas citadas acima, quase todas as identificações com o rei Davi ou sua linhagem, nas quais pudessem ser identificadas no momento histórico, foram projetadas como um ideal para o futuro, esta figura apresentada no livro de Daniel (com aparência humana) ocupa lugar de destaque na literatura apocalíptica que compõe todo o período do Segundo Templo e alimenta a chamada literatura apócrifa, mesmo muitos séculos após a destruição do Segundo Templo. Portanto, essa figura de aspecto humano, mas que vem de cima, recebe todos os poderes e atua em nome do trono de Deus com todos os poderes. Curiosamente, ele aparece no lugar de Deus como se fosse um segundo Deus, mas não em competição com Ele, mas exercendo o governo em Seu lugar e com Sua autorização.

No livro do Apocalipse de João também temos uma figura do alto que julgará com justiça. Ela será acompanhada pelo exército celestial e seu nome é Palavra de Deus entre outros nomes:

²². A expressão: “e eis que das nuvens do céu veio um semelhante ao Filho do Homem” determina que não é uma figura humana, apenas tem aparência, ele vem das nuvens, ou seja, de cima, é celestial. Ele também recebe todos os poderes e todos eles o servem e seu domínio permanece para sempre. Não é um reinado paralelo, mas ele o exerce em harmonia com Aquele que lhe deu o poder de agir. Mais uma vez podemos identificar aspectos que definem as qualidades de Jesus como o Cristo (Messias) que recebe todo o poder e não o exerce paralelamente ou em competição, mas cujo poder está em harmonia com Deus que lhe dá: “Jesus se aproximou deles e disse-lhes: Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra” (Mt 28,17); “Por isso Deus o exaltou e lhe deu o Nome que está acima de todo nome. Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho no céu, na terra e nas profundezas” (Ef 2,9-10).

Então vi o céu aberto: eis um cavalo branco, cujo cavaleiro se chama 'Fiel' e 'Verdadeiro'; Ele julga e combate com justiça.²³ Seus olhos são uma chama de fogo; Em sua cabeça há muitos diademas, com um nome escrito que ninguém conhece, exceto ele mesmo; Ele usa um manto encharcado de sangue, e o nome pelo qual ele é chamado é o Verbo de Deus (λογος του θεου). Os soldados do céu o acompanham em cavalos brancos de sua boca sai uma espada afiada para com ela ferir as nações. Ele é quem os apascentará com cetro de ferro. Ele é o que pisa o lagar do vinho do furor da ira de Deus, o Todo-Poderoso. No seu manto e na sua coxa está escrito um nome: Rei dos reis e Senhor dos senhores. (Ap 19,11-16)

Percebemos aqui que temos a mesma linguagem e uma maneira semelhante de descrever a figura celestial apresentada no livro de Daniel. Da mesma forma, ele tem um mandato celestial e age em nome de Deus, como se fosse o próprio.

Uma figura celestial na literatura rabínica

A literatura rabínica mantém essa figura chamando-a de Metatrón, que conserva as mesmas características divinas e age como se fosse Deus, sentado em seu trono, levantando assim a questão da unidade de Deus ou harmonia na diversidade dos poderes celestiais. Como Daniel disse: “E o domínio e a glória e o reino foram dados a ele, para que todos os povos, nações e línguas o servissem. Seu domínio é um domínio eterno que nunca passará, e seu reino é não será destruído”.

Apresento aqui o mesmo relato descrito em dois lugares diferentes. Um relato está no 3º Livro de Enoque,²⁴ também chamado O Livro dos Palácios e o outro relato está no Talmud.

²³ O autor tem presente o capítulo 11 do livro de Isaías em que cita o v. 4: “Ele julgará com justiça os fracos, e com justiça julgará os pobres da terra”, porém os versículos anteriores de Isaías referem-se diretamente ao Messias e ao tempo messiânico em que se baseia o nascimento de Jesus, sendo da linhagem de Davi, filho de Jessé: “Um renovo sairá do toco de Jessé, e um renovo brotará de suas raízes. Sobre ele repousará o espírito do Senhor: o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e o temor do Senhor. E vai inspirá-lo no temor do Senhor. Ele não julgará pelas aparências, nem julgará por ouvir dizer” (Is 11,1-3).

²⁴ Este livro apócrifo foi escrito em hebraico e sua origem redacional remonta entre os séculos II e V d.C. e evidencia a corrente mística do Judaísmo. Certamente, o período editorial não corresponde ao seu nascimento. Também é chamado de O Livro de Rabi Ismael, o Sumo Sacerdote ou A Revelação de Metatrón (Cf. EVANS, 1992). O personagem chamado Metatrón assume os atributos da figura divina que em Isaías permanece humana, em Daniel e no Apocalipse ele é divino, mas esses atributos são associados a Jesus como o Cristo. Scholem (1961, p. 67), afirma que “Este Enoque, cuja carne se tornou chamas, suas veias em fogo, seus cílios

Rabi Ismael disse-me: 'O Anjo Metatrón, Príncipe da Presença Divina, da glória do mais alto dos Céus, disse-me': 'No princípio eu me sentei no grande Trono da porta do sétimo palácio, e julgava a todos os habitantes das alturas, a família do Onipresente, sob a autoridade do Santo, bendito seja Ele. Eu partilhava a grandeza, a realeza, a dignidade, a soberania, o louvor, Glória, diadema, coroa e honra com todos os príncipes dos reinos, quando eu estava sentado na corte celestial. Os Príncipes dos Reinos estavam ao meu lado, à minha direita e à minha esquerda, sob a autoridade do Santo Bendito seja Ele. Quando **Aher**²⁵ veio na visão da carruagem celestial e temeu ao ver-me com toda a corte ao meu redor e ele abriu a boca e disse': 'Em verdade, há dois poderes no céu'. Imediatamente uma voz celeste saiu da presença da Shekhinah e disse: 'Voltem, filhos infiéis - exceto Aher'. (3 Enoque)..

Nossos Mestres ensinaram: 'quatro entraram no Pardes, e quem são eles? Ben Azzai, Ben Zoma, Aher e Rabi Akiba... Aher foi excomungado. Rabi Akiba saiu vivo'.

Aher foi excomungado. No versículo está escrito: 'Não deixe sua boca fazer sua carne pecar' (Ecl 5,5). O que isso significa? Ele viu que foi dado a Metatrón a permissão (poder רשות) para sentar-se e escrever as boas ações de Israel. E Aher disse: 'mas foi ensinado que nas alturas (Céus) não deve sentar-se (já que ele viu alguém sentado e não era o Santo Bendito seja Ele), será sem conflitos, sem retorno e sem cansaço. Deus me livre, existem dois poderes (שתי רשויות)!' (T.B. Hagiga 15a)

Não é a intenção aqui entrar no rico debate que estes textos (duas versões) suscitam. Apenas para apontar dois aspectos que correspondem ao presente estudo: a figura representada por Metatrón senta-se no trono para governar e tudo se submete a ele. Mas a história deixa claro que Metatrón exerce seu poder de acordo com o Santo, Bendito seja Ele. Como se fosse ele quem governasse o mundo e tudo o que existe com a aprovação de Deus. Aher observa a existência de poder em suas mãos. O segundo aspecto é a reação de Aher ao presenciar esse exercício do poder em nome de Deus e não sendo Deus. Sua reação custa-

relâmpagos, seus globos oculares tochas flamejantes, e a quem Deus colocou em um trono ao lado do trono de glória, recebeu após esta transformação celestial o nome de Metatrón".

²⁵ Aher é assim chamado Elisha ben Abuyah, que foi um Mestre e autoridade religiosa nascido antes de 70 d.C. Depois que ele adotou uma visão de mundo considerada herética por seus companheiros Tannaim e traiu seu povo, os Mestres do Talmud se abstiveram de relatar ensinamentos em seu nome e se referiram a ele como o "Outro" (Aher: אחר). Nos escritos dos Geonim este nome aparece como "Ahor" (ao contrário ou para trás), porque Elisha foi considerado como tendo "virado para trás" ao abraçar a heresia (Cf. LIEBERMAN, Tosefta Hagigah 2,2).

lhe a expulsão, ao afirmar que nos céus não há um único poder divino, de fato existem dois poderes: “Na verdade, há dois poderes no céu” ou como no segundo texto, segundo mesma ideia: “Deus me livre, existem dois poderes (שתי רשויות)”. No entanto, entende-se que embora haja dois poderes que atuam, há perfeita harmonia na ação; a conclusão é que não são poderes concorrentes. Não temos realmente um reino dividido, mas absolutamente unificado, mesmo com uma aparente presença divina, distinta de Deus, exercendo poder.

É evidente que a continuidade da literatura apocalíptica²⁶ judaica nos primeiros séculos da era cristã condiciona o Talmud a discutir essa visão atual na tradição judaica que remonta ao período do exílio babilônico e que tais afirmações ressoam perfeitamente na teologia cristã por causa da afirmação de que o Messias (Jesus) é Deus.

Vale saber que no período do Segundo Templo não temos um cânon bíblico fixo, ou seja, uma lista de livros que são aceitos e outra lista de livros que não são aceitos. Havia muita escrita e sabedoria que não entrava nos textos aceitos como revelados, tanto na tradição religiosa judaica normativa, quanto mais tarde na tradição religiosa cristã. Essa literatura, que chamamos de apócrifa, não é aceita do ponto de vista normativo da fé. Mas no período do Segundo Templo este não era o caso. O número de textos era mais abundante e circulava mais livremente e não necessariamente se universalizavam, mas mantinham sua autonomia por regiões, línguas, grupos que estavam na Terra de Israel ou dispersos em diferentes lugares da diáspora. Hoje, praticamente apenas os coptas e em parte os armênios preservaram alguns desses livros como textos revelados, no entanto, o Judaísmo e o Cristianismo encontram grande valor nessa literatura para uma melhor compreensão de suas respectivas tradições. Entende-se que sem o conhecimento dessa literatura não se pode ter uma compreensão completa do Judaísmo do período do Segundo Templo e a base para o desenvolvimento da cristologia.

Parte dessa literatura, denominada apocalíptica,²⁷ foi entendida não corretamente como algo extraordinário, que não faria parte do senso comum, como se fosse algo codificado. De fato, naquela época era a linguagem de comunicação no universo religioso judaico e também fará parte da linguagem religiosa no contexto dos grupos cristãos, nos

²⁶ Para uma melhor compreensão do tema Cf. REED, 2005.

²⁷ Para entender a relevância desta literatura no período do Segundo Templo, cf. JONATHAN, 1975, p. 131-156.

primeiros séculos. Portanto, para melhor entender o domínio das Escrituras, sua compreensão no nível das pessoas, na vida cotidiana, ou mesmo o que a Palavra de Deus significava para o povo no período do Segundo Templo, é preciso entender o contexto na sua rica diversidade. A Palavra de Deus, como as Escrituras, era um universo muito diferente do que temos hoje. Como já foi dito, havia muitos textos, interpretações e transmissão oral da Palavra de Deus que alimentaram as comunidades de fé; o que pode nos parecer algo separado ou distinto, como é o caso da literatura apocalíptica, naquela época, pois era linguagem corrente, parte integrante da vida religiosa judaica no período do Segundo Templo.

Diversidade na compreensão do conceito de Messias

Os autores do Novo Testamento, ou as comunidades que geraram esses textos, possuíam um vasto conhecimento da sabedoria religiosa através dos textos ou interpretações que não chegaram até nós ou que não levamos em conta em nossos estudos. Portanto, os textos do Novo Testamento, nascidos e compostos no contexto judaico, fundados na grande riqueza das tradições e interpretações religiosas que alimentaram o povo judeu, encontram sua justa compreensão somente em seu meio.²⁸

Como consequência do que vimos neste estudo, o conceito de Messias, muito rico em significados, sofre evolução ao longo do tempo e de acordo com as circunstâncias; primeiro ele é o 'ungido' com óleo, depois cumpre uma função em nome de Deus e se torna uma figura que representa a esperança religiosa da redenção. Mas ao mesmo tempo em que é entendido como pessoa humana, principalmente da linhagem de Davi, também se mistura com uma realidade celestial que recebe todo o poder de governar e seu reino não tem fim.²⁹ Essa diversidade de compreensão e interpretação coexiste intensamente no Judaísmo no final do período do Segundo Templo.³⁰

²⁸ Abécassis (2019, p. 15), um intelectual judeu francês que escreveu extensivamente sobre a identidade judaica do Cristianismo, afirma em seu recente livro: “Queremos mostrar que os fatos, o comportamento e o espírito do ensinamento de Jesus têm seu lugar e seu significado somente no seio das comunidades de seu povo que ele nunca abandonou ou negou”.

²⁹ Novenson (2012), faz uma análise precisa de toda a evolução do termo (Messias) ao longo do período bíblico até o surgimento do movimento de Jesus, chamando-o de Messias.

³⁰ Para uma visão completa da diversidade de entendimento e manifestação do Messias no período do Segundo Templo (cf. KNOHL, 2000). Também menciono que há muita informação sobre o Messias na literatura

Assim, quando se referia ao Messias no período do Segundo Templo, não era entendido de uma única maneira e as fontes são variadas para sustentar as explicações. Em certo sentido temos uma síntese no Novo Testamento, fruto de um contexto messiânico muito rico em diferentes interpretações e esperanças. Jesus, desde seu nascimento até sua ressurreição, é investido de diferentes formas de identidade, que não estava e não buscava o consenso, mas todas se encontram nas Escrituras ou em sua tradição religiosa contemporânea ou anterior.

Os evangelhos são consistentes em apresentar Jesus como o Messias (Cristo) desde o seu nascimento.³¹ Mateus começa dizendo: “O livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (v.1), e no final da história das gerações conclui: “E Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo” (v.16). Por isso, tudo segue uma tradição humana: uma criança, nascida em uma família judia, aparentemente de acordo com as regras, mas com algo extraordinário: “Sua mãe, Maria, casou-se com José e, antes de concluir com ele o matrimônio, encontrou-se grávida pelo Espírito Santo” (v.18). Por um lado, a criança tem mãe, nasce de uma mulher, jovem judia, mas é concebido pelo Espírito Santo. Há um aspecto humano que representa uma corrente religiosa desenvolvida a partir dos textos bíblicos e esse fato coexiste com o divino que também tem sua base na tradição religiosa bíblica, mas são distintas na Bíblia.

Marcos não faz uma apresentação histórica do nascimento de Jesus. Inicia com a afirmação teológica de Jesus como o Cristo, segundo a Escritura, ou seja, segundo a interpretação do que diz a Escritura: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus. Como está escrito no profeta Isaías...” (v.1).

Lucas contextualiza sua história e cria um cenário historicamente mais vívido, mas Jesus já é o Cristo desde o nascimento:

Não temas, Maria, porque achaste graça diante de Deus; conceberás no ventre e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará sobre a casa de Jacó para

de Qumran. Para uma visão detalhada dos vários aspectos da figura do Messias na tradição judaica e sua interpretação desde Qumran, cf. COLLINS, 1995.

³¹ Ideia bem defendida em Armand Abécassis (2019, p. 11-12).

sempre e o seu reino não terá fim [...] O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso o que há de nascer será santo e será chamado Filho de Deus. (1,30-33.35)

Como Mateus, em Lucas há um fato histórico concreto, ele nasceu de uma mulher judia assim como sua relação direta com a casa de Davi segundo uma corrente de interpretação, por outro lado ele tem a concepção divina e como em Daniel 7 seu reino é eterno. Em torno de Jesus o Cristo (Messias) converge vários modelos do Messias esperado (portanto, cristológico).

De fato, não há consenso sobre a definição do Messias, quais seriam suas características e identidade: Ele seria apenas humano? Seria simplesmente divino? Seria uma combinação dos dois aspectos? Seu poder seria superior a tudo e a todos e não conheceria a derrota ou seria humilde e sofreria pelo bem dos outros? Todos esses aspectos e possivelmente outros estão presentes no universo religioso judaico no período do Segundo Templo e, portanto, contemporâneos à época de Jesus e da elaboração do Novo Testamento.

A controvérsia sobre o Messias no Novo Testamento

O Evangelho de Mateus 16,13-28 (e também está presente nos outros sinóticos) apresenta um episódio em que Jesus coloca a questão aos seus discípulos sobre quem Ele era.³² A resposta é variada por cada um dos presentes, mas Pedro, que representa a visão messiânica de uma parte dos seguidores de Jesus, afirma seu messianismo absoluto, porém na sequência aprendemos que a afirmação de Pedro não corresponde ao messianismo que Jesus entendia para Ele:

Chegando Jesus no território de Cesareia de Filipe, perguntou aos seus discípulos: 'quem dizem os homens ser o Filho do Homem?' Simão Pedro respondeu: 'Tu és o Cristo (Συ ει ο Χριστος *אתה המשיח*), o Filho do Deus vivo'³³ [...] A partir de então Jesus começou a mostrar

³² Para uma análise teológica deste texto e sua relação de significado com as festas judaicas, cf. RATZINGER, 2007, p. 315-346; GRELOT, 1986.

³³ A resposta de Pedro é completa: 'Tu és o Cristo (Messias)'. Ele identifica Jesus como o Messias esperado. Mas na sequência, Jesus explica-lhe o conteúdo do seu messianismo: deve ir a Jerusalém, ser entregue nas mãos dos homens, sofrer, morrer e ressuscitar. Essa descrição do Messias feita por Jesus não corresponde ao que Pedro esperava e que havia afirmado ser Jesus. Pedro certamente esperava um Messias com poderes e que não seria derrotado pelo poder humano, daí sua reação: "Deus não o permita, Senhor! Isso jamais te

aos seus discípulos que ele tinha que ir a Jerusalém e sofrer muito por parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos escribas, e que fosse morto e ressuscitasse ao terceiro dia [...] Pedro tomando-o à parte, começou a repreendê-lo, dizendo: 'Deus não o permita, Senhor! Isso jamais te acontecerá!' Jesus, porém, voltando-se para Pedro, disse: 'Afasta-te de mim Satanás!'

Essa controvérsia do modelo messiânico nem sempre é percebida no Novo Testamento quando se supõe que os textos apresentam uma unidade de pensamento e teologia. Os textos e a tradição judaica desenvolvidos no período do Segundo Templo e continuados após sua destruição mostram a riqueza da diversidade na expressão religiosa como um todo. Jesus, seus discípulos e todo o contexto do Novo Testamento fazem parte desse mundo multifacetado e, portanto, os textos que refletem esse meio a *fortiori* têm as mesmas divergências internas; o não consenso sobre o conceito de Messias estará presente no Novo Testamento.³⁴

Apresento outro exemplo da diversidade de compreensão do conceito de Messias presente no Novo Testamento. Como no texto anterior de Mateus, o seguinte relato do Evangelho de Lucas é evidente sob dois pontos de vista, mas é o ensinamento de Jesus que prevalece. O texto é a história dos discípulos de Emaús Lc 24,13-53. Transcrevo-o na forma reduzida:

Naquele mesmo dia, dois deles iam para um povoado chamado Emaús, que ficava a sessenta estádios de Jerusalém, e conversavam entre si sobre tudo o que havia acontecido. E aconteceu que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e seguiu com eles;... Ele lhes disse: 'O que vocês estão discutindo entre vocês enquanto caminham?' Um deles, chamado Cléofas, respondeu: 'Tu és o único forasteiro em Jerusalém que ignora os fatos que nela aconteceram nela nestes dias?' Ele lhes disse: 'Que coisas?' Disseram-lhe: 'Sobre Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; nossos sumos

acontecerá!" Esta posição de Pedro será rejeitada por Jesus: "Afasta-te de mim, Satanás! seus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens". Jesus representa outro modelo de Messias onde sofrimento, morte e ressurreição significam sua vitória final sobre tudo.

³⁴ "O Messias também foi entendido, esperado e preparado de muitas maneiras [...] Isso também foi discutido sem uma decisão única, válida para todas as escolas do tempo de Jesus. A ideia messiânica estava inscrita em suas elucubrações, mas cada uma das correntes lhe deu um conteúdo próprio, diferente e contraditório em relação às demais. Cada Judaísmo tinha seu próprio messias. Os discípulos de Jesus também tinham o seu" (ABÉCASSIS, 2019, p. 336).

sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Esperávamos que fosse ele quem redimir Israel, mas, com tudo isso, faz três dias que todas essas coisas aconteceram'. Ele lhes disse: 'Ó néscios e tardos de coração para crer em tudo o que os profetas anunciaram! Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?' E, começando por Moisés e continuando por todos os profetas, explicou-lhes o que havia sobre Ele em todas as Escrituras. Então seus olhos se abriram e eles o reconheceram, mas Ele se tornou invisível diante deles. E, levantando-se uma vez, voltaram-se, foram a Jerusalém e encontraram reunidos os Onze e os que estavam com eles. Então disse-lhes: 'Estas são as minhas palavras que vos falei enquanto ainda estava convosco: era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos'. Então abriu-lhes a mente para que entendessem as Escrituras, e disse-lhes: Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia..."

O contexto é após a morte de Jesus e a questão subentendida é que modelo de Messias Jesus representaria para seus seguidores? Responderia Ele ou não às suas expectativas? Lucas coloca os dois confusos discípulos a caminho de Emaús, que geograficamente não fica longe de Jerusalém, porém o cenário antes de ser histórico é teológico. A questão está em saber a que tipo de visão messiânica cada um se identifica. Emaús foi um importante modelo de combate no período dos Macabeus contra os helênicos que invadiram a Terra de Israel e profanaram o Templo, sob o governo de Antíoco Epifânio (175-164 a.C.), descrito no primeiro livro dos Macabeus.

A vitória alcançada pelos Macabeus contra os helênicos foi interpretada como a vitória de Davi sobre os filisteus que marcou o início de suas vitórias até a libertação total das tribos de Israel, resultando na constituição da unidade do povo de Israel, tendo Jerusalém como principal centro de unidade. Davi tornou-se o modelo de instrumento de Deus para a libertação e de unificação do povo de Israel. Consequentemente a ideia do Messias que virá para garantir a soberania do povo de Israel e assegurar sua identidade como povo no serviço ao Deus único, será da linhagem de Davi, segundo sua forma de governo e de vitória sobre o inimigo.³⁵ Assim a luta dos Macabeus foi motivada por esse modelo e a vitória conseguida

³⁵. Como visto antes, este modelo não é o único. Vários outros modelos foram desenvolvidos e mesmo a linhagem de David foi interpretado de diferentes formas.

sobre a influência helenista, foi interpretada como o modelo davídico. A oração de Judas, o Macabeu, antes da batalha de Emaús, traduz plenamente essa compreensão da visão: “Bendito és tu, Salvador de Israel, que quebraste o ímpeto do poderoso guerreiro pela mão de teu servo Davi...” (1 Mc 4,30). Portanto, esses dois discípulos que estavam a caminho de Emaús representam essa visão messiânica através da luta e da vitória sobre o inimigo, liberando Israel do julgo da opressão: “Esperávamos que fosse ele quem iria redimir Israel, mas, com tudo isso, faz três dias que todas essas coisas aconteceram...” eles esperavam o tipo de Messias da linhagem de Davi e representado na história dos Macabeus, pois como Davi lutou, os Macabeus também lutaram expulsando os invasores. Dessa forma, a indicação de Emaús no relato de Lucas, não é apenas um lugar geográfico, mas também informa um modo interpretativo de expectativa messiânica em que esses dois discípulos são porta-vozes no contexto da incipiente comunidade dos seguidores de Jesus. A morte de Jesus pelo poder romano deixou-os perplexos. Tudo indicava que a espera foi em vão e que o resultado dá prova do fracasso de seu messianismo. Por isso a pergunta se justificaria: seria Ele o verdadeiro Messias? “Esperávamos que fosse ele quem iria redimir Israel, mas, com tudo isso, faz três dias que todas essas coisas aconteceram...”. Tudo indica, para os discípulos de Emaús, que esse Jesus não é o Messias esperado, segundo o modelo representado pela luta dos Macabeus representado pelo lugar de Emaús.

O relato do Evangelho não transmite o conteúdo ensinado por Jesus aos discípulos de Emaús, apenas indica que Jesus os convenceu através da interpretação dada segundo as Escrituras. Portanto, não são os fatos que são tomados como fontes de argumentos para a transmissão da fé em Jesus como Messias, mas a Palavra de Deus em sua forma escrita e oral acompanhada de sua interpretação. Faz-se necessário compor o colar (*hariza*) a partir dos textos da Escritura, “passando por Moisés, pelos Profetas e pelos Salmos”, servindo-se de sua oralidade para provar a harmonia da Palavra de Deus sobre o ensinamento dado. A fé em Jesus como o Messias esperado passa pela experiência da sua ressurreição e pela interpretação das Escrituras sobre o que a Ele dizia respeito. É o ato de perscrutar as Escrituras da comunidade de fé no Jesus ressuscitado que harmoniza textos, oralidade e interpretação vividos e transmitidos pelo povo de Israel, ao longo de sua história, na espera

do Messias.³⁶ Paulo, entre os primeiros escritos do Novo Testamento,³⁷ portanto, poucos anos depois da experiência que os seguidores de Jesus tiveram da experiência do Ressuscitado, justifica o conteúdo de seus ensinamentos, não com argumentos segundo aos acontecimentos ocorridos com Jesus, mas, segundo ele, é a leitura das Escrituras que ilumina a vida, morte e ressurreição de Jesus: “Pois vos transmiti, em primeiro lugar, o que por minha vez recebi: que Cristo (Messias) morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras,³⁸ que foi sepultado e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1 Cor 15,3-4).

Considerações finais

O Messias das Escrituras Judaicas e sua Interpretação

É fato que o conceito do Messias (Ungido=Messias) está sempre presente na história do povo de Israel, ele atravessa o tempo e ocupa um lugar primordial no universo religioso, seja em relação ao sagrado por meio da unção, seja como realidade sustentadora da esperança histórica de um futuro melhor e como fonte de libertação e salvação para a humanidade. No entanto, cada época tem suas variantes e diferentes formas de explicar e entender. O anúncio dos discípulos de Jesus, homem-judeu, como o Messias, está fundado na experiência de fé em sua morte e ressurreição. A transmissão dessa experiência de fé vivida como aprendemos, a partir dos relatos do Novo Testamento, é tributária do conjunto de vários aspectos da compreensão do Messias expressa na tradição do povo judeu fundada

³⁶ Boyarin (2012, p. 160), afirma que a fé em Jesus como o Messias (o Cristo), portanto, a elaboração da cristologia, é fruto do mundo bíblico e interpretativo judaico, constituído pela diversidade de tradições sobre o Messias presentes no período de Jesus e o Novo Testamento e que remonta ao início da história do povo judeu: “Assim, alguns estavam convencidos de que Jesus de Nazaré era aquele cuja vinda eles esperavam: o Messias, o Cristo. Uma história bastante comum de um profeta carismático, mágico e pregador, é profundamente transformada quando esse pregador pensa - ou outros pensam - que ele é aquele que deve vir. Os detalhes de sua vida, suas prerrogativas, seus poderes e até seus sofrimentos e sua morte antes do triunfo, são então todos desenvolvidos a partir de uma leitura midráshica ajustada aos textos bíblicos para que se cumpram em sua vida e morte. A sua exaltação e as manifestações da sua ressurreição vividas pelos seus discípulos são fruto desta narrativa e não a sua causa. Isso não é negar qualquer inovação por parte de Jesus ou de seus primeiros ou posteriores seguidores, mas apenas sugerir fortemente que tal criatividade é mais convincente e ricamente explicada quando decifrada no mundo textual e interpretativo judaico que é a caixa de ressonância que nos permite captar a complexidade acústica do ambiente judaico do primeiro século”.

³⁷ Um olhar sobre Paulo e sua teologia (cf. PASSETO, 2021, p. 3-30).

³⁸ Mais uma vez, devemos ter presente quando Jesus, os Apóstolos e todo o Novo Testamento fazem referências às Escrituras, eles estão se referindo unicamente às Escrituras do povo judeu, acompanhadas de sua interpretação judaica.

nas Escrituras e na sua interpretação. E é, portanto, somente dentro dessa tradição de compreensão plural sobre o Messias que se encontram os meios para melhor compreender a proclamação de Jesus como o Messias (Cristo) da fé cristã.

Como vimos, não havia consenso na comunidade dos seguidores de Jesus. É à luz da experiência de fé pós-pascal - morte e ressurreição de Jesus - e na frequência das Escrituras, que se ancora a elaboração do ensino e mensagem coerentes de Jesus como Messias, Deus feito Homem, Emanuel, vinculado também à linhagem de Davi. No entanto, a compreensão pluriforme que compõe a afirmação dos primeiros discípulos de Jesus a proclamá-lo como o Messias esperado, percorrerá um longo caminho dentro da tradição cristã nos séculos seguintes.³⁹ Um tema de estudo não menos importante é a contínua diversidade de compreensão do Messias dentro do movimento dos seguidores de Jesus (o Messias veio e virá em sua forma gloriosa) e sua relação com o Judaísmo (a espera do Messias).

Os Concílios, a partir de Niceia (325 d.C.), procuraram normalizar e limitar as diferenças entre os diferentes setores e regiões da Igreja sobre como definir Jesus Cristo (Messias) como pessoa humana e divina. Porém, dado que a argumentação das normas estabelecidas pela Igreja não foi motivada pelas Escrituras e pela tradição que as interpretou, o resultado foi à incapacidade de convivência com as diferenças naturais, provocando assim, com o tempo, o afastamento de suas próprias fontes.

Referências

ABÉCASSIS, Armand, **Jésus avant le Christ**. Presses de la Renaissance, 2019

BAINES, J. **Ancient Egyptian Kingship: Official Forms, Rhetoric, Context Day**. J (ed.) *King and Messiah in Israel and the Ancient Near East*. JSOTSup 270, Sheffield: Sheffield Academic, 1998.

BEKER, A.H., and YOSHIKO, A. (eds), **The Ways that Never Parted**. Jews and Christians in Late Antiquity and the Early Middle Ages, Fortress Press, 2007.

BOYARIN, Daniel. **The Jewish Gospels - The Story of the Jewish Christ**, The New Press, 2012.

³⁹ “O destino da cristologia do Messias no cristianismo primitivo não é uma questão simples. Não permaneceu o que era no início, mas também não desapareceu. O espectro do movimento messiânico em torno de Jesus de Nazaré assombrou a cristologia cristã primitiva, tanto ortodoxa quanto heterodoxa, pelos séculos vindouros” (NOVENSON, 2019, p. 262). Um estudo abrangente do messianismo entre judeus e cristãos nos primeiros séculos do cristianismo (cf. HORBURY, 2016).

- BOHRMANN, Monette. **L'huile dans le judaïsme antique**. Dialogues d'histoire ancienne, vol. 15, n° 2, 1989, p. 65–73.
- BOYARIN, Daniel. **Dans Introduction à l'Ancien Testament**. Labor et Fides, 2009, p. 573-582.
- BRYCE, T. **Life and Society in the Hitite Word**. Oxford University Press, 2002.
- COLLINS, A.Y., and COLLINS J.J. (eds). **King and Messiah as Son of God - Divine, Human, and Angelic Messianic Figures in Biblical and Related Literature**. Willian B. Eerdmans Publishing Company, 2008.
- COLLINS, John J. *The Scepter and the Star: The Messiahs of the Dead Sea Scrolls and other Ancient Literature*, Doubleday, 1995.
- COLLINS, John J.. **The Grammar of Messianism**. Oxford University Press, 2019.
- COLLINS, John J.; FLINT, P.W. **The Book of Daniel: Composition and Reception**. Vol I, Leiden, Brill, 2002.
- ETCHGARAY, Roger. **Est-ce que le Christianisme a besoin du judaïsme?**. Cahiers Ratisbonne, n° 3, 1997.
- EVANS, Craig A. **Noncanonical Writings and New Testament Interpretatio**. Hendrickson Publishers Marketing, 1992.
- ENGNELL, I. **Studies in Divine Kingship in the Ancient Near East**. 2^a ed. Oxford, Blackwell, 1967.
- GRAY, J. **The legacy of Canaan: The Ras Shamra Texts and Their Relevance to the Old Testament**. Leiden: Brill, 1969.
- GRELOT, Pierre. **Les Paroles de Jésus Christ** (Introduction à la Bible, 7). Desclée, 1986.
- GERSHOM, Scholem. **Major Trends in Jewish Mysticism**. Schocken Books, 1961, p. 67.
- HORBURY, William. **Messianism Among Jews and Christians**. Bloomsbury 2^a ed., 2016.
- KNOHL, Israel. **A Controvérsia Messiânica**. Kinneret, Zmora, Dvir-Publishing House, 2019.
- KNOHL, Israel. **The Messiah Before Jesus (heb.)**. Schocken Publishing House, 2000.
- LAMBERT, W. G. **Kingship in ancient Mesopotamia**. In Day, J. (ed), King and Messiah in Israel and the ancient near East: Proceedings of the Oxford Old Testament. Semina, 1998, p. 70.
- LIEBERMAN, Saul. **Tosefta Kifshutah on Tosefta Hagigah 2, 2**.
- LAUNAY, Marc de. **L'onction**. In *Archives de sciences sociales des religions*, n° 169, 5 juin 2015, p. 47–62.
- LECOQ, Pierre. **Les Inscriptions de la Perse achéménide**. Gallimard, 1997.
- LUCASS, Shirley. **The Concept of the Messiah in the Scriptures of Judaism and Christianim**, Bloomsbury, 2013.
- NOVENSON, Matthew V. **Christ Among the Messiah**. Oxford University Press, 2012.
- PASSETO, Elio. **Paulo, sua Teologia e seu Evangelho**. Cadernos de Sion, v.2 n° 1 (2021), p. 3-30.

RATZINGER, Joseph (Benoit XVI). **Jésus de Nazareth - Du Baptême dans le Jourdain à la Transfiguration**, Flammarion, 2007.

REED, Annette Yoshiko. **Fallen Angels and the History of Judaism and Christianity: The Reception of Enochic Literature**. Cambridge University, 2005.

ROBERT, Jimmy Jack McBee. **The Old Testament's Contributions to Messianic Expectations**. In *The Messiah: Developments in Earliest Judaism and Christianity*. Ed. by James H. Charlesworth, Minneapolis, Fortress, 1992.

SMITH, Jonathan Z. **Wisdom and apocalypse**. In *Religious syncretism in antiquity: Essay in Conversation with Geo Widengren*, Ed. by Birger A. Pearson. Missoula, Montana: American Academy of Religion, 1975, p. 131-156.

STENDAHL, Krister. **Paul Among Jews and Gentiles**, Fortress Press, 1976.

VERMEYLEN, Jacques. **Ésaïe**. In: Thomas Römer, Jean-Daniel Macchi et Christophe Nihan (dir.), *Introduction à l'Ancien Testament*, Labor et Fides, 2009, p. 413.

VOUGA, François. **La première épître aux Corinthiens**. In Daniel Marguerat (dir.), *Introduction au Nouveau Testament: Son histoire, son écriture, sa théologie*, Labor et Fides, 2008, p. 210.

WRIGHT, David Pearson. **Anatolia: Hitites**. In *Religions of the Ancient World*. Edited by Sarah Iles Johnston, Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2004, p. 194.